



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11563 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 06 - Educação Popular

FAMÍLIAS DAS CLASSES POPULARES E A DEFESA DA ESCOLA PÚBLICA:  
ANTIGAS QUESTÕES E NOVOS DESAFIOS

Patricia Gonçalves Bastos - UERJ/FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O presente resumo apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado em Educação concluída em 2022, que investigou impactos da pandemia da Covid-19 no cotidiano de uma instituição pública de Educação Infantil, localizada na região metropolitana de um dos estados mais populosos da Federação. A partir da temática geral, e dos itinerários da pesquisa, identificamos como questão importante junto ao campo da Educação Popular, a relevância que famílias das classes populares atribuem à escola pública, compreendendo a sua centralidade nas lutas pelo direito à cidadania mais ampla (TAVARES, 2015). Do ponto de vista metodológico, a pesquisa teve um caráter qualitativo, em diálogo com a abordagem etnográfica e documental. E como ferramentas complementares, utilizamos a *escuta sensível*, o diálogo e entrevistas com os sujeitos da pesquisa: as crianças e suas famílias; além de uma professora explicadora, que foi procurada por algumas famílias durante o primeiro ano da pandemia, ministrando aulas presenciais às crianças, uma vez que o cotidiano da instituição de Educação Infantil teve, como um dos impactos pandêmicos, a suspensão do seu cotidiano educativo. Em relação ao referencial teórico, podemos ressaltar o diálogo com autores, a partir de algumas das categorias presentes no estudo, como a Sociologia da Infância: CORSARO (2011); TAVARES (2003). Dialogamos também, com autoras do campo da Educação Popular, tais como ECKARDT (2018), GARCIA (2003) e TAVARES (2015) problematizando infâncias de classes populares e os seus cotidianos, principalmente em seus territórios de vida, tão impactados pelo contexto pandêmico. Objetivando dar centralidade à questão da compreensão do papel da escola da infância, pelas famílias das classes populares pesquisadas, é fundamental destacar o reconhecimento que essas famílias apresentam em relação à escola pública, como um dispositivo de mudança social por melhores condições de vida (GARCIA, 2003). Nessa perspectiva, apresentaremos alguns excertos de entrevistas realizadas, especialmente uma entrevista, na qual duas mães falam de suas preocupações em relação a aprendizagem de suas filhas e filhos, sobretudo com relação

à leitura e à escrita. Na experiência cotidiana dessas famílias, a *saída* para resolver o problema da suspensão presencial do cotidiano escolar, foi contratar uma *professora explicadora* para ministrar aulas presenciais às suas crianças. As professoras explicadoras, também conhecidas como professoras de reforço escolar, lecionam em suas residências, com pequenos grupos multisseriados de crianças pequenas das classes populares. Para Mattos (2006), as explicadoras ocupam lugares sociais importantes, no que diz respeito à educação escolar das crianças moradoras de bairros periféricos, sobretudo no Rio de Janeiro, pois fazem parte de estratégias familiares para evitar que as crianças sejam submetidas a um possível, e muitas vezes antecipado, fracasso escolar. As mães destacaram que o interesse em que as crianças aprendessem a ler e a escrever foi um dos principais motivos para procurarem a professora explicadora: “A explicadora tá ensinando ela [a criança] a desenvolver as letrinhas, então pra mim está ótimo... O reforço [escolar] foi a saída que a gente encontrou...” Outra mãe, também demonstrou satisfação em perceber que o filho estava aprendendo noções de leitura e escrita:

Aí, ele fala: “- D com A faz DA, né mãe?”. Eu falo: é. Ele: “- V com E faz VE.” Eu falo: isso aí, Daniel. Então, ele já sabe escrever o nome dele todo... Está conhecendo... Ai, meu deus... As letras do alfabeto. Então, ele tá... [...] Eu estou vendo que ele está evoluindo ali. (Mãe entrevistada, fonte pesquisadora, 2022)

A satisfação pelos conteúdos pedagógicos que envolvem uma determinada noção de alfabetização reflete, novamente, na preocupação das famílias em relação a uma concepção de futuro das crianças – a uma ideia de “previsão”, bem como às suas condições de vida. As famílias entrevistadas compreendem que garantir que as crianças tenham estudo é o que possibilitará que tenham melhores oportunidades de emprego, no futuro. Consideram que as famílias das classes dominantes deixam, além de uma escolarização reconhecida por elas como de qualidade, uma herança financeira, e que as famílias das classes populares podem oferecer alguma escolaridade para que suas filhas e filhos tenham melhores oportunidades no chamado mercado de trabalho.

Querendo ou não, a gente é pobre. Então, daqui a uns anos, a Isadora vai competir uma vaga de emprego com o filho de um advogado, o filho de um desembargador, gente, assim... grande, que tem condições de, no caso, pagar os estudos dos filhos, sabe? A gente não. Eu não tenho condições de pagar um colégio particular pra ela. Se eu tivesse, ela estaria em casa, entendeu? Então, a minha preocupação é essa. O reforço [escolar] com a explicadora foi a única saída que a gente encontrou. [...] Porque pobre não deixa herança. Rico morre, pelo menos deixa dinheiro para os filhos se virar... E a gente? (Mãe entrevistada, fonte pesquisadora, 2022)

Este trecho da entrevista evidencia o quanto a escola pública ainda implica um significado de mudança socioeconômica para as classes populares de periferias urbanas. As famílias pesquisadas parecem acreditar que a permanência na escola e a conclusão dos estudos podem garantir que suas filhas e filhos consigam melhores oportunidades no mercado de trabalho, que tenham seus direitos garantidos e que possam ter uma vida diferente da que os seus antepassados tiveram, marcada pela ausência da escolaridade (ou por uma escolaridade precária) e outras desigualdades sociais. Para Tavares (2015, p. 59), em relação aos sujeitos adultos, que compõem as famílias de crianças e adolescentes,

Eles têm clareza de que o acesso e a permanência na escola podem fortalecer a luta cotidiana por melhores condições de vida. Em sua luta pela vida, a escola ainda ocupa uma centralidade, pois as camadas populares, sejam do campo ou da cidade,

reconhecem os nichos de possibilidades que experiência coletiva da escola pode propiciar.

Diante disto, podemos perceber (entre outras questões) que a figura da professora explicadora encontra-se bastante vinculada ao desejo e à esperança das famílias entrevistadas de que suas filhas e filhos tenham chances de serem menos exploradas/os no mercado de trabalho. Embora esta concepção possa envolver inúmeros elementos de crítica, principalmente pela “ideologia de mobilidade social via escolarização”, é importante atentar para a “ilusão fecunda” (SPÓSITO, 1993) que estas mães alentam do papel da escola pública na vida de suas filhas e filhos.

Palavras-chave: Cotidiano Escolar; Famílias das Classes Populares; Pandemia; Professora Explicadora

#### Referências

CORSARO, Willian. *Sociologia da Infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011. Edição Kindle.

ECKHARDT, Fabiana. As classes populares no curso de Pedagogia descobrindo-se periferia. *Rev. Ciências da Educação*, n. 41, p. 149-162, out. 2018.

GARCIA, Regina Leite. A difícil arte/ciência de pesquisar com o cotidiano. In: GARCIA, Regina (org.) *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 193-208.

MATTOS, Luiz Otavio Neves. *Explicadoras do Rio de Janeiro: encontros e desencontros em trajetórias profissionais singulares*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2006.

SPÓSITO, Marília. *A ilusão fecunda: a luta por educação nos movimentos populares*. São Paulo: Hucitec, 1993.

TAVARES, Maria Tereza Goudard. *Os pequenos e a cidade: o papel da escola na construção de uma alfabetização cidadã*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2003.

TAVARES, Maria Tereza Goudard. Educação popular e movimentos sociais contemporâneos: algumas notas para reflexão. *Rev. Educação e Contemporaneidade*, v. 24, n. 43, p. 49-61, jan./jun. 2015.